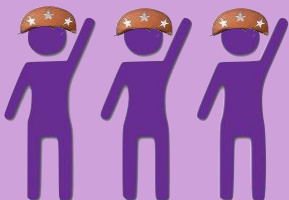




DOSSIÊ



Entre Elas:

Ser e Viver Mulher Usuária de Substâncias Psicoativas

Sara Alves HENRIQUES, *Universidade Federal do Piauí*

Lucia ROSA, *Universidade Federal do Piauí*

O presente artigo apresenta o olhar de mulheres sobre as outras e sobre si mesmas quanto ao uso de substâncias psicoativas a partir de um estudo de caso na cidade de Teresina – Piauí. A pesquisa é parte do resultado da dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Piauí. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, a partir de estudo de caso e de entrevistas semiestruturadas, tendo como participantes sete mulheres usuárias de substâncias psicoativas. A pesquisa demonstrou que as mulheres tendem a se perceber a partir do valor família ou em referência à figura masculina, e são orientadas a partir de uma cultura própria que, acabam por reproduzir vínculos baseados em relações complementares e perpassadas predominantemente por ideologias patriarcais, embora vestígios da ideologia feminista tenham também se mostrado presente, apesar de não terem sido reconhecidos por elas.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Mulheres. Substâncias Psicoativas.



Introdução

Apesar de existir uma vasta literatura sobre gênero que demonstra as diferenças entre homens e mulheres, ainda há um certo desconhecimento por parte da população e de alguns profissionais sobre o tema, pois, paradoxalmente, mulheres e homens recebem as mesmas intervenções, sobretudo porque são abordadas sob as insígnias genéricas e a-histórica do termo “paciente” (ALVES, 2015).

Pedrosa (2006) identifica que a figura humana é homogeneizada e associada somente à “figura do paciente” ao analisar os documentos técnicos do Ministério da Saúde, assim, demonstrou percebeu que o gênero não é contemplado, tampouco as questões étnico-raciais, o que sinaliza para um predomínio da visão biomédica, com poucas convocações de saberes interdisciplinares para abordar a complexidade do ser mulher na atualidade, experienciada a partir de uma pluralidade de modos de existir.

Os estudos sobre os distintos padrões de consumo de substâncias psicoativas – SPA a partir de uma perspectiva de gênero são relativamente recentes no Brasil, e, como tendencialmente são categorizados a partir do sexo, prevalece a referência aos padrões masculinos, sendo as experiências das mulheres visibilizadas focadamente na perspectiva da vulnerabilidade e vitimizatória. A literatura sinaliza que os padrões de consumo de substâncias psicoativas possuem significados diferentes, conforme o sexo e os contextos em que estão inseridos.

Portanto, para compreender a relação estabelecida entre gênero e o consumo de substâncias psicoativas é necessário considerar as complexidades e especificidades associadas ao universo feminino, ao ser mulher e conseqüentemente viver mulher, como uma construção social plural, transversalizada por marcadores de classe social, etnia/raça, geração, questões etárias, geográficas, dentre outros.

Desse modo, para fundamentar a pesquisa nesse estudo foram consideradas como categorias de análise gênero e uso de substâncias psicoativas por mulheres. A partir de tais categorias, o artigo tem por objetivo desvendar como as mulheres se reconhecem enquanto usuárias de substâncias psicoativas, apontando o início da sua trajetória de consumo, como elas veem a si mesmas e às outras, e os significados de ser e viver mulher usuária para elas.



A metodologia utilizada foi de caráter qualitativo e baseou-se em entrevista semiestruturada e observação simples, tendo como participantes sete mulheres usuárias de substâncias psicoativas, cuja participação se deu mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em relação à ética na pesquisa, o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, aprovado com o parecer nº 3408806.

Na escrita do artigo, para preservar a identidade das mulheres participantes da pesquisa decidiu-se nomeá-las com nomes de flores, por acreditar que elas são seres fortes e delicadas, sublimes, que carregam mágica dentro de si, um universo infinito particular. Desse modo, é válido informar ainda que as mulheres Jasmim, Dália e Margarida são irmãs, Alfazema e Alpínia são madrastra e enteada, respectivamente, e Amarílis e Azaleia são mãe e filha, respectivamente.

Mulheres e o uso de substâncias psicoativas

Antes de se falar sobre a história do gênero falava-se sobre a história das mulheres. As mulheres, sobretudo as brancas, conseguiram se libertar de fortes expressões de desigualdades de caráter formal ou legal entre os anos 1920 e 1930, especificamente o direito ao voto, à propriedade e ao acesso à educação. Mas, nessa perspectiva de luta por direitos iguais, faz-se o questionamento: “Se a subordinação da mulher não é justa, nem natural, como se chegou a ela e como se mantém? (PISCITELLI, 2001, p. 2)”.

O pensamento feminista surge, inicialmente, como um movimento de mulheres brancas, na Europa e nos Estados Unidos. Não era unificado, mas compartilhava da compreensão que as mulheres ocupavam lugares sociais subordinados em comparação aos homens. Elas defendem que essa subordinação é resultado da forma como a mulher é construída socialmente, assim, entendem também que o que é construído pode ser modificado e passam a questionar as raízes das desigualdades sociais, que tem origem na forma de organização da sociedade.

As mulheres demandavam que fosse construída uma nova linguagem que permitisse revelar a experiência cultural e o olhar que as constituíam, porque era necessário perceber que “o universo feminino é muito diferente do masculino, não simplesmente por determinações biológicas, [...] mas sobretudo por experiências históricas marcadas por



valores, sistemas de pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas também sexualmente” (RAGO, 1998, p.93). Então, não era só incluir as mulheres no discurso histórico, era preciso definir uma categoria adequada que contemplasse a realidade do mundo sob a ótica feminina, falar das práticas de mulheres tanto no passado como no presente, e que pudesse propor interpretações que enfrentasse a ótica masculina dominante.

Matos (2002) informa que o gênero surge como categoria de análise quando passa a ser cobrado das pesquisadoras a experiência coletiva de homens e mulheres considerando sua complexidade, além disso, procurou-se aprimorar a metodologia para torná-la capaz de compreender das relações entre os sexos quais as contribuições de cada um no processo histórico.

Para Scott (1995, p.86) “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de dar significado às relações de poder”. Desse modo, gênero não deve ser visto apenas como uma categoria analítica, mas também como uma categoria histórica cuja dimensão adjetiva demanda uma inflexão de pensamento, afinal, gênero refere-se as representações masculinas e femininas, e às imagens que foram construídas pela sociedade sobre o masculino e feminino (SAFFIOTI, 2011).

Scott (1995) explica que apesar do gênero ser construído através do parentesco, ele também é construído na economia e na organização política. Nesse estudo considera-se o gênero a partir de um olhar atento às experiências únicas e singulares vivenciadas por cada mulher, especificamente o uso de substâncias psicoativas.

Fiore (2013, p.1) define substâncias psicoativas como “compostos, extratos, plantas, pílulas, bebidas, gases, enfim, qualquer excipiente que contenha molécula às quais é atribuída a propriedade de alterar o funcionamento do sistema neural, o sistema nervoso, a percepção ou a consciência humana”. Schenker (2008, p.21) as considera como aquelas que “alteram o funcionamento do Sistema Nervoso Central do indivíduo, quer deprimindo-o, estimulando-o ou perturbando-o”.

Jalil, Coutinho, Bertoni e Bastos (2014) informam que as pesquisas sobre o consumo de drogas acabam secundarizando ou até mesmo negligenciando análises a partir de uma perspectiva de gênero. Os escassos estudos que abordam a temática se devem ao fato de que as mulheres são um grupo de mais difícil acesso, pois mantêm uma práticas



de uso tendencialmente privado, em virtude do constrangimento e estigmatização que lhes são impostos, além disso, nos espaços abertos de drogas e tráfico é inegável que o maior predomínio é de pessoas do sexo masculino.

Apesar de ser consenso que existe uma heterogeneidade social e cultural de usuários de substâncias psicoativas, ainda há uma homogeneização, que coloca todos numa mesma categoria social e conseqüentemente são vistos sob o mesmo olhar, todavia, é necessário reconhecer que as mulheres são um subgrupo diferenciado, que apresentam características próprias que devem ser contempladas desde o acolhimento, diagnóstico até o tratamento.

As últimas pesquisas brasileiras relacionadas aos padrões de consumo de substâncias psicoativas são baseadas em informações epidemiológicas, tendo como marcador o sexo. O III Levantamento Nacional sobre Uso de Drogas pela População Brasileira – LNUD (BASTOS *et al*, 2018) coordenado pela Fundação Oswaldo Cruz entrevistou cerca de 17 mil pessoas no país com idades entre 12 e 65 anos. Informa que atualmente a substância ilícita mais consumida no Brasil é a maconha, contrariando a recente “epidemia” de crack que vem sendo propagada midiaticamente

Oliveira (2008) sinaliza que na literatura parece haver um consenso em relação aos determinantes que estão associados ao consumo de SPA por mulheres. Os homens utilizam com a finalidade de ampliar relações sociais, se esvaír de aborrecimentos, experimentar novas sensações, e, inclusive melhorar a autoestima e o desempenho sexual. Em relação às mulheres o envolvimento tende a ser acompanhado de experiências traumáticas vivenciadas, dentre elas o incesto, a violência sexual, violência doméstica, a depressão, perda de familiares, sentimentos associados ao isolamento social, pressões profissionais e familiares, e também o fato de ter pais e/ou parceiros usuários. Nesse contexto, a relação afetiva-amorosa, a influência do parceiro íntimo tem um papel fundamental, haja vista os estudos mostrarem que muitas mulheres entram no mundo do tráfico pela influência de seus companheiros.

Marangoni e Oliveira (2013) pontuam que os fatores desencadeantes para o uso de drogas por mulheres podem ser associados ao gênero, à idade, à baixa escolaridade, ausência de vínculo empregatício, presença da droga na comunidade ou na própria família, e também a influência de amigos, familiares ou de companheiros.



Entre as próprias mulheres é possível identificar certos marcadores de diferença, como por exemplo a idade e o tipo de droga. As mulheres mais jovens tendem a consumir álcool, crack, maconha e cocaína, e em relação a medicamentos fazem mais uso de inibidores de apetite a fim de alcançar o padrão de beleza socialmente imposto, enquanto as mulheres mais adultas e idosas utilizam frequentemente tabaco, álcool e medicamentos como tranquilizantes (OLIVEIRA; NASCIMENTO; PAIVA, 2007).

Em relação ao tipo de drogas consumido, constataram que os homens fazem uso de substâncias ilícitas mais precocemente, em maior quantidade e frequência, conseqüentemente, por mais tempo. As formas de aquisição das SPA também diferem, especialmente quando se trata do crack as mulheres tendem a utilizar o corpo como moeda de troca e os homens estão mais associados com o tráfico (OLIVEIRA; NASCIMENTO; PAIVA, 2007).

Em relação aos agravos à saúde as mulheres estão são mais suscetíveis tanto por questões fisiológicas, como por questões culturais, alteram o ciclo menstrual, a fertilidade, a gestação, e, até pela violência que tendem a ser submetidas, figurando no risco de contrair alguma doença sexualmente transmissível. As comorbidades relacionadas ao uso tendem a estar associadas a transtornos depressivos e ansiedade para mulheres e transtorno de personalidade para homens (OLIVEIRA; NASCIMENTO; PAIVA, 2007).

Marangoni e Oliveira (2013) informam que a morbimortalidade associada ao uso de spa é mais acentuada nas mulheres, quanto ao uso de álcool elas apresentam taxas mais elevadas de cirrose hepática, consequência de ações hormonais, além disso, hipertensão arterial, desnutrição, anemia, úlceras gastrointestinais, cardiopatias e transtornos psiquiátricos tendem a avançar mais rápido entre as mulheres.

Brasiliano (2005) acrescenta que as mulheres vivenciam os efeitos orgânicos/biológicos das spa mais rápido que os homens porque tem menos água corpórea, flutuações hormonais e menores níveis de metabolismo, ou seja, são diferenças genéticas, hormonais, fisiológicas, sociais, neurofisiológicas e ambientais. Afirma ainda que já se conhece significativamente sobre as consequências clínicas do uso de álcool e cocaína, mas especialmente ao crack esses resultados ainda são pouco explorados.



Trajatória do consumo das mulheres

As mulheres que serão apresentadas fazem e fizeram consumo de múltiplas de substâncias, que, em sua maioria, se iniciou na fase adolescente ou adulta. Schenker (2008) informa que a adolescência contempla experiências de prazer através da descoberta da sexualidade, da afetividade, das amizades e do possível uso de drogas, experiência que normalmente se dá em grupo, no geral de amigos, que compartilham valores em comum.

Comecei com 13 anos, eu via os outros usando aí fiquei, tive vontade de experimentar, pra ver como é que era, aí me viciiei... Usava pedra, maconha, cigarro... mas parei tá com quatro meses... cigarro que eu fumo aqui acolá... eu usava todo dia, era muito, até o dia amanhecer, passava era de três dias sem comer, sem dormir, amanhecia o dia, e virava de novo... [Jasmim].

O consumo de SPA aparece entre as mulheres como uma curiosidade que acompanha a adolescência, uma fase da vida considerada plural, pois experimentada de diversas maneiras por distintos adolescentes, que passam por vários processos sociais. Rosa e Figueiredo Neto (2009) apontam que o uso de SPA é maior particularmente na adolescência, fase em que ela é capaz de exercer seu maior fascínio, e, além disso, com o uso prolongado de substâncias psicoativas se estabelece uma nova sociabilidade, o que configura outros estilos de vida.

A curiosidade, o vivenciar novas experiências em uma fase da vida de exploração do mundo, associada ao fácil acesso a SPA, associada à baixa escolaridade, ou seja, baixa informação e formação escolar, quando existente de qualidade duvidosa, com uma vida vinculada a um contexto social que não oferece opções de lazer, a facilidade de acesso à substância, permitiram a intensificação do uso, até pela associação a um grupo de amigos cujos valores eram propícios a tal prática.

Eu já tive alguns vícios... bebia cerveja, assim quando eu não tinha filho, e tava na flor da idade, que eu queria sair, se divertir, ia pro *reggae*... eu bebia cerveja, fumava cigarro branco e usava maconha... usei cheiro também, cola... só que eu não era assim viciada, era só porque andava no *reggae*, só quando eu saía, era fim de semana, eu via as meninas usando aí eu queria usar também, experimentei por causa delas... eu me saí das amizade. Depois que eu conheci o pai dos meus filhos me aquietei [Dália].



Na fala de Dália o uso recreativo é elemento de destaque, consumido como forma de divertimento e associado a um estilo musical, o *reggae*, para acompanhar o grupo, se sentir parte do mesmo e seguir os valores por ele partilhado. Um marcador diferencial na vida da mulher, como visto na fala acima, que se torna um divisor de vida, é a relação afetiva, “o morar junto”, a relação com o parceiro íntimo acompanhado da gravidez, ou seja, o constituir família, o “valor” família, como esclarece Cintia Sarti. A mulher se identifica com esse lugar, que, para algumas, produz profunda alteração, inclusive descentrar a vida do consumo de SPA. Ter alguém com quem dividir a vida, “um homem para chamar de seu”, e filhos, passam a ser referência basilar da construção da trajetória de vida.

Passei a usar quando fui morar com o pai dos meus filhos eu tinha 13 anos, aí ele já usava, eu não bebia nem fumava, aí eu continuei usando com ele e fui me viciando... uma vida dessa, ninguém quer... e também eu usava o crack, né, mas deixei, por causa dos meus filhos, por causa da minha família. Consegui sair depois que separei, conheci um rapaz que ele também me ajudou sair [Margarida].

Contraditoriamente, Margarida foi influenciada por dois parceiros íntimo de dois modos distintos: por um, para a iniciação e manutenção de um padrão de consumo, que considerou como vício. Por outro, que contribuiu para que interrompesse o uso. Então teve uma influência positiva e negativa da figura masculina. Interessante como o parceiro íntimo, contraditoriamente, pode ser um elemento que estimula a mulher ao consumo, mas, ao mesmo tempo, pode ser um elemento igualmente incentivador para “ajudar a sair” do consumo prejudicial, permitindo outro direcionamento para a vida. Então, a vida amorosa e afetiva tem um papel muito intenso para as mulheres nas duas direções, para o uso quanto para deixar de consumir.

Oliveira, Nascimento e Paiva (2007) já sinalizaram sobre as influências do sexo masculino sobre as mulheres em relação ao início ou manutenção do consumo, destacando que há casos em que a mulher se torna usuária para poder acompanhar seu parceiro, que acaba se tornando também seu principal fornecedor. Nesse sentido, as relações amorosas exercem um poder intenso sobre a mulher, tanto para iniciar quanto interromper o consumo, ganhando destaque o parceiro íntimo e os filhos, sinônimo de família.



Comecei usar o crack por curiosidade, com uns 20 anos, meu marido da época usava e eu não sabia, foi no momento que engravidei, aí ele ofereceu, prova que tu vai gostar, aí eu curiosa, gostei, bebia muito também e foi indo, e não conseguia mais parar, aí eu já tava num ponto que não ligava mais pros meus filhos, vendia tudo dentro de casa. Pensei que tava livre das drogas mas quando conheci meu atual marido ele vendia, e fui me envolvendo de novo na pedra e aí foi onde fui pro fundo do poço de novo. A gente brigava muito, se agredia muito, só no hospital eu tenho dez entradas. Eu tirava sangue dele, ele de mim, mas ele nunca foi pro hospital, foi só eu... descobri que ele me traía com minha própria irmã, bati nele, esfaqueei todinho, mas ele pra mim era meu tudo [Alfazema].

O consumo de Alfazema foi motivado pela curiosidade que acabou trazendo um retorno positivo, então a intensidade foi aumentando. A força e a intensidade da presença do parceiro íntimo na vida é ressaltada continuamente. Se relacionou inicialmente com um que já era usuário e depois com um traficante. Destaca-se também a violência que perpassava as relações amorosas.

Saffioti (2011) explica que a mulher nem sempre sofre passivamente as violências que seu parceiro pratica, ela reage de uma forma ou de outra, e quando essa reação é violenta sua violência é reativa. Nada impede que haja mulheres violentas, entretanto, elas são muito raras levando em conta a supremacia masculina, e a sua socialização voltada para a docilidade. De acordo com a síntese do diagnóstico da violência contra a mulher em Teresina (2018) prevalece a violência psicológica, mas, nem sempre a denúncia é o caminho escolhido.

Em um contexto violento, a violência acaba sendo naturalizada, colocada como parte da vida e da paisagem. O consumo de SPA torna-se um lenitivo, produtor de uma “sensação nova”, inserido em um contexto de baixas expectativas de vivenciar algo novo, como informado abaixo por uma das participantes:

Uns amigos me apresentaram, eu mesma quis experimentar, porque eu tinha curiosidade, e eu quis buscar o prazer, de sentir aquilo, aquela sensação nova, que até então eu não conseguia sentir com outra coisa o que eu sinto na droga e aí um dos motivos de eu continuar usando é exatamente isso, porque assim, quando to nos momentos de fraqueza. Uso maconha e álcool, mas na minha mente a maconha não é problema, porque é como se não fosse droga, como é a cocaína, mas eu botei na minha mente que vou parar de usar quando for estudar pra valer. Eu uso mais pra fugir da ansiedade, como tranquilizante. [Alpínia].



O consumo de SPA por Alpínia está relacionado ao grupo de amigos, à descoberta de novas sensações, como ansiolítico, ao lazer/diversão. Ao mesmo tempo, é importante destacar a associação do consumo a sinais e sintomas de algumas enfermidades, tais como a ansiedade e a depressão, nesse sentido, o consumo de spa tem um sentido de mascaramento de comorbidades psiquiátricas.

Marangoni e Oliveira (2013) reforçam que a influência do grupo de amigos na fase da adolescência pode ser identificada quando um grupo de amigos é tolerante, aprova ou consomem drogas, assim é mais fácil o adolescente ser levado a experimentar do que se estivesse com amigos que evitam e não concordam com o uso.

Eu comecei usar com uns 38 anos, por causa dos meus problemas dentro de casa e o amor por um homem casado, quando ele começou se afastar de mim. Quando eu sentia saudade dele eu preenchia com a droga, e usava pra esquecer tudo, mas quando o efeito acabava era pior, vinha o arrependimento, o vazio, a solidão... Quando comecei usar foi escondida quem incentivou pra ele usar o crack foi eu, porque como eu fui presa, eu queria pegar o crack pra vender, e pra mim vender eu tinha que viciar ele, pra ele poder deixar eu vender, eu tinha que fazer ele usar, e ele é policial então acabou indo preso também. Pensei no amor dos meus netos, por causa deles eu deixei o crack. Uns meses atrás comecei cheirar pó, é a mesma coisa do crack, a diferença é porque o crack é a droga do mendigo e o pó é a droga da sociedade [Amarílis].

Pelo depoimento de Amarílis, observa-se que a mulher consumidora também pode interferir para viabilizar o consumo de seu parceiro íntimo, embora tal situação não tenha aparecido na revisão de literatura, sendo mais comum o contrário. Mas, Amarílis mostra que a mulher também pode se configurar agente ativo na relação, não mera “vítima”, igualmente podendo induzir ao consumo, seus parceiros.

Amarílis deu início ao consumo de SPA, segundo relata, por problemas familiares e amorosos, utilizava a droga como forma de suprir uma carência emocional bem como um meio de fugir de problemas familiares. Em sua fala relata também que já foi presa, Rodrigues (2014) informa que tem aumentado o número de mulheres presas pelo tráfico, tanto como coadjuvantes como em posição principal.

Amarílis já foi dependente do crack e hoje faz uso da cocaína, não reconhece como o álcool funciona como gatilho, é só beber que também vai usar outro tipo de substância. O II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas – LENAD (2014) informa que o Brasil é um país com mercado



promissor para a indústria do álcool. Identificou-se que a população consumidora cresceu tanto entre homens quanto entre as mulheres.

Eu usei a primeira vez foi numa virada de ano aí por incentivo de amigos, experimentei por curiosidade... eu tinha muito problema dentro de casa, e aí, eu tinha um companheiro que também usava. Às vezes ele me espancava porque eu num queria usar, já me espancou no meio de todo mundo, ninguém fez nada, aí decidi acabar, porque ou ele ia me matar ou eu fazia algo com ele. Eu uso cocaína e cigarro, mas é só quando eu bebo, é como se a bebida puxasse, maconha não gosto, crack experimentei porque meu ex me obrigou, mas passei mal fui parar no hospital [Azaleia].

O início da trajetória de Azaleia com as spa foi associada à curiosidade, facilidade de acesso através de amigos e também remetida a conflitos com a mãe e se perpetuou também pela convivência com parceiro íntimo que consumia. Marangoni e Oliveira (2013) ressaltam que os parceiros são um elo forte para a aproximação inicial e a manutenção do uso de drogas, podendo evoluir para o envolvimento com o tráfico e problemas com a justiça. Vê-se também outra situação de violência de gênero. Saffioti (2011) destaca que raramente a mulher consegue se desvincular de um homem violento, até porque no geral, ela não quer a separação, quer que seja cessada a violência. Quando ocorre uma separação, comumente existe uma trajetória oscilante de saída e retorno à relação, é o chamado ciclo da violência também definido por Baragatti *et al* (2019) como rota crítica da violência doméstica.

Olhar sobre si mesmas e sobre as outras

As mulheres usaram vários critérios para falar de si e das outras, que permearam aspectos corporais, a importância e o valor da família, características psicossociais que vem em detrimento da SPA, assim como ter uma vida de preocupação voltada para o outro. Ao olhar para e sobre si, as mulheres que consomem SPA salientam as repercussões corporais do uso, como a feiura, a magreza:

Com o crack eu me enxergava feia, magra réa, feia... me incomodava, quando eu fumava eu num comia, ela deixa a pessoa fraca... É uma vida triste, né?! Porque a pessoa não é feliz... [Jasmim].

Nessas condições, ser magra, que é um dos itens do padrão de beleza atual, é destacado como infelicidade, tristeza, compondo um cenário indesejável para si. Jasmim, visualiza na aparência magra, “feia”,



que é relatado como uma consequência da falta de apetite durante o uso do crack, junto com a fraqueza. Por sua vez, sua irmã também destaca os aspectos dramáticos do consumo, associado à destruição da vida da consumidora e de seus filhos, mais uma vez a mulher dos segmentos de baixa renda são associados ao cuidado do outro. Sua existência está umbilicalmente associada ao outro, muitas vezes acionado como fonte de motivação para possível reinvenção da vida. Se não é possível cuidar de si, se o si mesmo não é fonte impulsionador de transformação, o que é um valor típico da sociedade moderna, quem sabe o cuidar do outro, do filho, não desencadeie um projeto de ao mesmo tempo estar bem para o projeto da maternagem, então a complementaridade relacional se destaca:

Minha irmã (Jasmim) sendo usuária via os filhos dela tudo pequeno jogado, ela não ligava, vivia só na droga, eu incentivava ela, pra não destruir a vida dela e dos filhos dela, mas ela não ligava pra ninguém só pra droga, não conhecia filho, não conhecia ninguém, era o tempo todo na droga. Hoje em dia tá melhor, fica mais perto deles, conversa, banha, faz mingau, ela arruma, sai com eles, da atenção, amor e carinho [Dália].

Dália remete ao valor da família a sua avaliação sobre sua irmã considerando que em seu estágio dependente descuidava de tudo, tendo o consumo como central na vida, o que lhe causava prejuízos relacionais, enfatizado a relação mãe e filho e os cuidados cotidianos. Com o incentivo a partir da ênfase nos filhos, observa-se mudanças, a irmã tendo acionado elementos da redução de danos, pois parece ter localizado um centro motivador importante, para outro caminhar da vida, havendo a recuperação das funções de maternagem, como registrado. Eliacheff e Heinich (2004) pontuam que às vezes a mulher é absorvida pela maternidade, que traz fortes exigências para as mães, elas precisam renunciar a tudo para se ocupar do bebê, assim, a criança se torna o centro exclusivo e até motivador para a mãe-irmã cuidar do outro, o que também se transforma, ao mesmo tempo, em um cuidar de si

Quando eu era usuária eu me sentia péssima, me achava assim nada, porque eu passava de três dia na rua, minha mãe que ia atrás de mim pra comer, pra mim banhar aí que eu vinha pra casa me aquietar, armaria essa droga é amaldiçoada demais. Mesmo eu sendo usuária quando tava no fundo do poço eu cuidava dos meus filhos, dava a merenda, fazia almoço, ajeitava a roupa. Era primeiro meus filhos e a casa depois era eu. Pra mim é muito ruim ver minha irmã (Jasmim) usuária de novo, porque já tava com três meses que tinha deixado, ai voltou agora de novo... fiquei arrasada [Margarida].



Ao se ver como espelho, Margarida tem esperança em ver a irmã fora do consumo de drogas, sendo a substância em si demonizada, como faz a política proibicionista. O olhar dramático sobre si, relatado por Margarida também pode ser associada à aparência física, entretanto, ela revela que apesar do consumo dependente não deixou de cumprir suas funções domésticas associadas ao seu papel de mãe, de cuidar, alimentar as crianças. Sarti (1994) explica que os filhos têm lugar de destaque nas famílias pobres, são eles quem dão sentido à existência da família e, em especial para as mulheres mães.

Você deixar de ser mãe pra ser usuária é você ter que decidir ou a droga ou os filhos, então foi o que eu fiz, deixei eles de lado pra mim não ver o sofrimento deles pelo que eu tava passando, então preferi largar pra poder viver minha vida, mas aquilo arrancou um pedaço de mim. Pra manter o vício comecei a roubar, a me prostituir, apanhei muito. Eu usava meu corpo pra poder usar a droga, aí eu me sentia suja, imunda, porque se deitar com uma pessoa que você num gosta, é chato, você se vender por R\$ 20, R\$10, mas eu me vendia. Ser usuária me atrapalhou e muito como mãe, porque eu não podia dar um amor de mãe, e todos os filhos era pra ter ne? Mas eu sabia que tinha que mudar, não por mim, mas por meus filhos, e eu mudei por isso mesmo, se fosse por mim eu num ia mudar nunca. Não é fácil pra nós mulheres pra conseguir se sair, você tem que ter um apoio da família [Alfazema].

Alfazema afirma que abdicou de seu papel de mãe enquanto era consumidora de SPA, porque não tinha como dar o amor de mãe estando longe dos filhos. Até como estratégia de proteção aos filhos, registrado como opção dolorosa, manteve distanciamento para que eles não testemunhassem sua tragédia. Tal descrição retrata os dramas vividos através da maternagem pelas participantes, às vezes envolvendo escolhas entre dois desejos, que aparentemente são inconciliáveis, o desejo de consumir, centrar a vida em si mesma e a pressão simultânea por produzir cuidados aos filhos, tensionamento que parece ausente da condição masculina.

Eliacheff e Heinich (2004) ao falar das relações onde as mulheres são mais mulheres que mães a maternidade não é o forte, elas estão em um outro lugar, elas têm uma paixão mas não é maternidade, é um objeto exterior que não se centra nos filhos, no caso relatado esse lugar é ocupado pela droga. Há tensionamento entre os efeitos provocados pela droga e o amor pelos filhos. Tem que fazer opções difíceis, entre o consumo e a maternagem, entre o desejo individual e o desejo de cuidar do outro.

Para manter seu consumo chegou a roubar a própria família e também vender o corpo. O corpo é visto como parte do processo de acesso



ao crack e a prostituição é uma das principais formas de garantir e manter o uso de drogas. Pateman (1988) pontua que a prostituição é parte integrante do capitalismo que permite aos homens comprar o acesso sexual do corpo das mulheres. A prostituição é a utilização do corpo de uma mulher por um homem para sua satisfação, pois, não há desejo ou satisfação por parte da prostituta, então, a prostituição não é uma troca prazerosa e recíproca dos corpos, mas sim a utilização unilateral do corpo de uma mulher por um homem em troca de dinheiro. Logo, a prostituição é um contrato sexual e que faz parte do direito sexual masculino, garantindo aos homens acesso ao corpo das mulheres. Mas, também é um trabalho, mesmo que não reconhecido como tal, nem mesmo pelas próprias mulheres, mas, se situa nas mesmas condições do contrato de trabalho, embora em condições precarizadas.

É muito ruim ver quem você gosta sendo usuário, a gente nunca espera isso, né? Eu não queria ver ela nessa situação de vício, levando as coisas de dentro de casa por causa do vício, deixando a vida mesmo, esquecendo que tem filho... É uma derrota, falta de esperança, era assim que eu me sentia. Ela falava que saía com um monte de homem pra conseguir dinheiro, que até roubava as coisas da irmã dela pra usar droga, e aí acaba que a gente fica até com medo [Alpínia].

Alpínia informa que se dependesse dela não veria sua familiar na situação do “vício”, que fez com que ela roubasse em casa, esquecesse dos filhos e da família, “de cumprir sua tarefa social de viver para o outro.” Sarti (2003) explica que as famílias pobres dificilmente passam pelo curso de desenvolvimento do grupo doméstico sem que haja alguma ruptura, especialmente a fase da criação dos filhos. Cuidar do outro, no geral, é realizado em meio a muitos papéis sobrepostos, que sobrecarregam e exigem da pessoa, para além da sua condição:

Eu era mãe, era usuária, era pai, era vó, era muito difícil, mas quando a gente tá no uso a gente esquece de tudo... O crack me roubou muita coisa, e ele rouba mesmo muita coisa de você, ele não tem classe social, é tão bom que a gente destrói tudo que tem por causa dele, se eu dizer que ele é ruim vou tá mentindo, ruim é as consequências que vem dele. Quantos celular eu não vendi, tudo foi fumado. Eu fiquei desfigurada, muito magra, esqueleta [Amarílis].

É enfática a fala de Amarílis de que “o crack me roubou muita coisa”, atribuindo à SPA poderes ou uma condição quase humana. Apesar de ser simultaneamente mãe, avó e usuária o crack, na sua análise, fez com que se eximisse dos papéis familiares, esquecendo as responsabilidades



para com os outros da família. Relata ainda a venda de coisas para poder manter o “vício”. Assim como Jasmim também sinaliza para os efeitos físicos do uso, na magreza. Registra os aspectos positivos e também as consequências negativas do consumo de crack, sobretudo quando está em estágio de dependência. Sua filha Azaleia relata a seguir tensionamentos entre ser mãe e usuária, simultaneamente, visualizado no processo de “dar um conselho pro filho”,

É difícil ser mãe e mulher usuária, as vezes a gente quer dar um conselho pro filho ou pro marido e não pode, porque não tem aquela moral, é ruim porque não posso dar exemplo, eu não tenho aquele moral. Quando eu tô sóbria eu não deixo de jeito nenhum eles saírem, mas quando eu tô na merda eu não tenho essa responsabilidade quando tô usando. A mãe apesar dos erros dela nunca deixou faltar nada pra gente por causa da droga. Hoje ela usa mas não é igual era antigamente, ela não parava dentro de casa, era usuária daquelas que mendigava, só andava suja, magra, com a vista espantada, as vezes a gente ia pegar ela dentro da boca de fumo porque ela já tinha passado uma semana fora de casa [Azaleia].

Para Azaleia por ser ao mesmo tempo mãe e consumidora de SPA, sente que feriu um dos princípios da condição da maternagem, de “dar o exemplo”. Ela se sente “sem moral” para aconselhar, orientar, exercer uma das funções de mãe. Acredita que em decorrência do consumo de SPA tem um bloqueio “moral” ao exercer sua função de mãe. Tem dificuldade em separar os dois momentos, um fundindo-se ao outro. O papel de mãe oscila. É visto como afetado pelo consumo ou não consumo, pois, quando está “limpa” é a mãe responsável, mas quando não as crianças ficam em segundo plano.

Ao falar sobre sua mãe enquanto usuária informa que apesar do consumo a mãe não deixava “faltar” nada, no plano material, para os filhos, mesmo sendo usuária que mendigava. Bruschini (1989) explicita que famílias que são encabeçadas por mulheres possuem uma faixa mais baixa de rendimento e estruturas familiares complexas, envolvendo velhos e crianças, assim, as mulheres são forçadas à se mobilizar para o trabalho para que possam garantir o sustento do grupo. Então, o trabalho é elemento constituinte das famílias pobres e das classes trabalhadoras, em geral, porque é através dele que a vida familiar é viabilizada (SARTI, 1994). Assim, a questão tão sinalizada por pareceres jurídicos, “de negligência materna” pelo consumo de SPA, teria que ser questionada, pois, é possível observar o esforço/empenho das mulheres em, mesmo tendo um padrão de uso prejudicial, cuidar dos filhos, do jeito que é



possível, mesmo diante da ausência de políticas protetivas e equipamentos, como creche.

Significados de ser mulher

Ao questionar às entrevistadas o que era ser e viver mulher para elas, as definições se relacionaram com qualidades, características físicas, tendo por contraponto, no geral, a figura masculina e o valor da família. Nesse sentido, uma parte das participantes ressaltaram os aspectos positivos do ser mulher, algumas enaltecendo sua condição, ao se contrapor ao tipo de trabalho exercido pelo homem ou à condição biológica, posta pela possibilidade de ser mãe:

Eu num sei... Eu não tenho as coisas fácil, o homem ele pode conseguir as coisas e pode ir trabalhar, e a gente não [Jasmim].

Ser mulher é bom, né não?! Porque mulher não sofre muito mais do que o homem, porque o homem trabalha muito, faz bico, né... a mulher trabalha no maneiro, trabalha assim, cuidando dos meninos, lavando uma louça, roupa, serviço maneiro... porque homem trabalha no pesado, né, e mulher trabalha no maneiro... [Dália].

Ser mulher é tudo, é amor, é tudo... é ser feliz, é bom porque a gente pode voltar sorrir de novo, a viver a vida, porque quando você ta nessa vida você num sente isso, de ser mulher, de ser alegre... mas olha, a gente ser mulher é você chegar pra uma pessoa e conversar, e aquela pessoa sentir firmeza na sua palavra, na sua conversa... eu sou feliz com minha casa, meu marido, meus filhos e pretendo ser feliz mais ainda com deus... eu tenho orgulho de ser mulher [Alfazema].

Tudo! Ser mulher é ser guerreira, vitoriosa, ser mulher é tu passar nove meses com uma cria dentro da tua barriga, tu dar à luz, ser mãe, ser pai... mulher é uma peça rara. Tem muitas mulheres que cria seus filho só, eu me orgulho do que eu sou, eu me amo, eu amo minha família do meu jeito, não sei explicar, mas é do meu jeito, mesmo sendo um sexo frágil, sendo romântica, mas por cima de tudo somos guerreiras, mais do que o homem, quando a mulher quer uma coisa ela persiste mais do que o homem, vai até o fim... por ser mulher consegui meus filhos, meus netos, me trouxe tudo, nem sei como seria se eu fosse homem, nem penso nisso, porque eu me amo sendo mulher... [Amarílis].

Sei nem como dizer... pra mim viver mulher eu acho bom, ter meus filho, minha casa, meu marido, coisa que eu nunca pensava em ter, e hoje em dia eu tenho tudo [Azaleia].

Assim, o homem é visto como figura complementar e ao mesmo tempo de contraste da condição feminina. É visto também como um parceiro, com quem se divide a vida e se constrói uma família, perspectiva



muito destacada por todas. Outras enalteceram, pelas vantagens socialmente colocadas para e pela condição feminina, pois a mulher na sociedade é melhor tratada, tendo menos chance de ser assassinada, como insinua Margarida:

Ser mulher é ótimo demais, graças a deus que minha mãe me teve mulher né... e daquelas mulher mesmo, mulher de verdade. Porque eu não queria ter nascido homem não, de jeito nenhum... a mulher ela traz muitas coisas boas, muitas coisas na vida, né... a mulher tem o pensamento totalmente diferente do homem né, é ótimo... porque o homem ele pensa muitas besteira na cabeça, e a mulher não, ela pensa positivo né, se ela disser assim eu vou conseguir aquilo dali então eu vou conseguir. A força da mulher é maior e muito melhor... a mulher onde ela chega ela é bem recebida, é bem tratada então, acho praticamente, que a mulher é tudo, é mais do que o homem, com certeza... nunca sofri como mulher, to aqui vivinha, e ótima, e eu me acho por ser mulher [Margarida].

Alpínia também enaltece a condição feminina, e, ao trazer uma orientação sexual diferente das demais entrevistadas, isso produziu sofrimento e a vivência como o estigma, em uma sociedade heteronormativa, que imputa tal condição ao pecado, induzindo o autoestigma.

Ser mulher é ser cheio de virtudes, tem muita qualidade, mais do que homem eu acho, mulher é muito diferente, o jeito que ela trata as pessoas, não com grosseria como homem, então, mulher é tudo de bom... mulher é mais carinhosa, atenciosa, é mais compreensiva, já homem... Eu gosto de ser mulher, de me maquiarm, botar um short, então ser mulher é bom, tem vaidade, deixa a pessoa feliz com a autoestima... Pra mim, quando eu descobri ano passado que gostava de mulher eu sofri um pouco, gostar da mesma mulher, foi difícil por causa das críticas que recebi principalmente de homens, e também por causa da igreja me via como uma pecadora, eu mesma não me aceitava, me estranhava, mas agora não, é de boa, me aceito do jeito que eu sou [Alpínia].

Condensando os aspectos em comum, observa-se que: para Jasmim e Dália ser mulher é entendido na interação com o homem, de maneira relacional, em reforço a uma perspectiva binária, pois este é visto como o que trabalha e consegue as coisas. Logo, o homem é visto como o lado positivo na relação em geral, obtendo facilmente as coisas que quer, enquanto a mulher é percebida como seu oposto. A mulher também trabalha no “maneiro”, “cuidando dos meninos”, enquanto o trabalho do homem é no pesado, em reforço a uma visão binária das relações, entre o bom e o ruim, o bem e o mal.

Para Azaleia o ser mulher está associado ao valor dos filhos e da maternidade, se vê enquanto mulher relacionada aos filhos e marido. O cuidado com os filhos é igualmente associado ao sofrimento, pela



preocupação que cerca essa tarefa. Logo, ser mulher, é ter a vida centrada no outro, é viver em função do outro. Amarílis e Alpínia também associam em parte o ser mulher com a maternidade, relacionando a papeis parentais, à gestação, à composição familiar.

Margarida, Alpínia e Amarílis entendem o ser mulher com suas particularidades, mulher é determinada, tem mais qualidades, é persistente, guerreira, veem a mulher como alguém que pensa positivo, que é determinada e mais suscetível a mudanças, desconstroem o mito da fragilidade da mulher. Reconhecem e destacam os ângulos positivos como marca de ser mulher. Também o fato de ser mulher, ensejaria melhor recepção, um tratamento com maior distinção, em prol da mulher.

Percebe-se que ser mulher está diretamente relacionado ao “valor família” (FONSECA, 2006) que varia conforme a classe social, mas que entre as participantes da pesquisa, esteve intrinsecamente relacionado à existência de filhos, da maternidade. Klaas Woortman (1987) ao pesquisar as famílias de mulheres explicita que o papel tradicional da mulher está diretamente associado ao *status* do homem. Há portanto, o entendimento de relações e papeis complementares. Assim, a “natureza” da mulher está atrelada ao entendimento de que ela nasceu para ser mãe e dona de casa. Então, as mulheres pobres têm um domínio do que é próprio de seu ser – a família, afinal, “família é negócio de mulher” (p. 74).

Saffioti (2011) ao pesquisar o ser mulher recebeu respostas que referenciaram sobre a inserção no mercado de trabalho e a independência que isso lhes dava; a liberdade de agir seguindo seus desejos e a partir deles poder tomar decisões; a conquista dos direitos políticos e a igualdade entre homens e mulheres. Apontaram também tarefas tradicionais valorizando-as e também depreciando, pois, associaram que os papeis tradicionais é em parte o lado negativo de ser mulher, reclamaram do peso da responsabilidade para criar os filhos, e também a falta de autonomia que o marido impunha. Denunciaram também a dupla jornada de trabalho formada pelos serviços domésticos e o trabalho assalariado, soma-se a isso o desnível de salários entre homens e mulheres, a inferioridade diante de elementos masculinos e o fato de que são mais propensas à violência do que os homens.

A autora explica que as mulheres são socializadas na ordem patriarcal de gênero, que atribui qualidades positivas aos homens e negativas às mulheres, a consequência disso é que são poucas as mulheres que não interiorizaram tais ideologias dominantes e questionam sua



inferioridade social, sem contar no número incontável de mulheres machistas, resultado da ideologia do sexismo que é reflexo de estrutura de poder. As mulheres não são influenciadas a desenvolver o uso da razão e do poder, são socializadas para ter comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores, enquanto os homens são incentivados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que mostrem sua força e coragem.

Apesar da ênfase da força da referência à família e ao papel “tradicional” da mulher em seu meio e na sociedade, destaca-se que mesmo nesses lugares, do privado, da intimidade familiar, algumas mulheres reiteraram a força da mulher, como guerreira e pelas artimanhas que sua condição propicia, que transmuta as supostas desvantagens sociais em vantagem. Nesses termos, há que se considerar como incorporar tais visões no rol das lutas, sempre plurais, para alcançar uma sociedade sem hierarquia de gênero.

É visível nas falas a reprodução de muitos conteúdos das ideologias masculinas, herança do patriarcado que à mulher cabe apenas o serviço doméstico, enquanto ao homem o trabalho é algo livre e opcional, bem como a imagem da mãe tradicional, que vive por dedicar sua vida aos filhos, entretanto, apesar de não haver consenso sobre o significado de ser mulher há orgulho em ser mulher, aceitação, reconhecimento e valorização, a mulher sendo também apreendida como guerreira, determinada, com relativa autonomia, sem ser prisioneira das opressões, das condições historicamente dadas, o que sinaliza para o horizonte das transformações sociais.

Considerações finais

A singularidade vinculada ao consumo de SPA por mulheres atravessa papéis sociais e comportamentos esperados e estabelecidos pela sociedade. A trajetória do consumo teve início, em sua maioria, na fase da adolescência, mas também aconteceu nas fases jovens e adultas. Motivadas, comumente, pela curiosidade e com certa participação de parceiro íntimo, fazem e fizeram uso com distintas finalidades, como: amortecedor de comorbidades psiquiátricas, preenchimento de vazio emocional decorrente de problemas amorosos/perdas amorosas, dependência emocional, refúgio para os problemas familiares, acompanhamento do círculo de amizades e principalmente curiosidade. O consumo foi simultaneamente constituído por esfera do prazer e da dor.



Na trajetória do consumo retrataram a representação do padrão prejudicial uma doença, embora contornado por dimensões morais, que ronda o termo “vício” adotado pela maioria, doença que foge do controle do ser humano. O consumo é também visualizado como fator de agravamento à violência, um potencializador da violência de gênero. As substâncias são demonizadas, frente as quais, a condição humana é de impotência.

O olhar delas sobre si mesmas e sobre as outras mulheres quase sempre foi pautado a partir do valor da maternidade, dado pela mulher poder engravidar e do valor da maternagem, construída no dia a dia do cuidado, que pareceu ser imensurável. Viu-se que as mulheres assumem múltiplos lugares/posições, constituídas e construídas a partir de sua trajetória de vida e de consumo: são mães, irmãs, filhas, avós, mulheres, usuárias de SPA. Contudo, a principal posição/papel evocado e atribuído para as outras é a de mãe, é como se quando a mulher se tornasse mãe ela perdesse suas outras posições, inclusive de pessoa. É a partir do lugar da maternagem que elas avaliam suas condutas e a transgressão dos papéis socialmente impostos de mães/cuidadoras do ambiente doméstico encarregada do cuidar do outro e das condições de reprodução da família, e ao se verem como espelho tentam se mostrar como exemplo.

Os padrões de beleza também se fazem presentes, aqui relacionados aos efeitos que o consumo acarreta ao corpo, afinal, quando elas se identificam em sua magreza em decorrência dos efeitos do consumo do crack, se consideram feias, remetendo a uma autoimagem depreciada. Há ainda o peso da vergonha e do estigma, resultados de forte preconceito e discriminação. São mulheres que enfrentaram e resistiram às situações de violência, opressão, exploração. Mas, também, realçam o lado positivo de ser mulher, se arrumar, usar batom, colocar um short.

Os significados sobre ser, viver e se relacionar como mulher foram pautados em sua associação com a família em seu papel social de cuidadora, de mãe e esposa, mas também em relação às suas qualidades, virtudes, força do pensamento positivo, da determinação, da persistência, a forma de tratar os outros, é ser guerreira. E o mais importante: a aceitação, o orgulho de ser mulher e o amor a si mesma que isso traz.

Percebe-se que alguns aspectos do feminismo se fizeram presentes nas falas das participantes da pesquisa, apesar de toda referência das mesmas a uma visão de mulher “tradicional” voltada para a família e o cuidado com os filhos, tais como a visão da mulher como guerreira, forte, tenaz, o que leva ao repensar a operacionalidade do



conceito de gênero acadêmico que não oferece empoderamento a todas as mulheres, deixando invisível e à parte um número significativo de formas de ser e viver como mulher.

A maioria das mulheres entrevistadas reproduziu ideologias machistas e patriarcais, valores tradicionais da hierarquia homem mulher, as discriminações, e por conseguinte, as desigualdades de gênero, afinal, como se sabe, o patriarcado não se restringe apenas a família, ele atravessa a sociedade como um todo. Mas, contraditoriamente, também se observa, o cotidiano vivido com valores remetidos à igualdade, ao protagonismo social.

É preciso superar o sexismo, o racismo e o classismo para instaurar uma sociedade antirracista e feminista. Ainda há muito a se fazer em relação ao feminismo, suas reivindicações e incorporações para concretizar a visibilidade de gênero, desnaturalizando as desigualdades para alterar estruturas e questionar privilégios. Cabe ainda às mulheres levantar outras mulheres e entender que certos padrões existem para serem quebrados, afinal, a humanidade sempre teve medo de mulheres que voam, sejam elas bruxas ou livres, então, que as mulheres possam sempre alçar novos voos numa luta constante.

Referências

ALVES, Tahiana Meneses. *A diversidade dos usos de substâncias psicoativas por mulheres em Parnaíba – PI a partir de suas histórias de vida: uma perspectiva de gênero*. 2015. 253f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Políticas Públicas, Universidade Federal do Piauí, 2015.

BARAGATTI, Daniella Yamada *et al.* Rota crítica de mulheres em situação de violência: revisão integrativa. *Rev Panam Salud Publica* v. 43, n. 34, abr. 2019. Disponível em: <https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/50552/v43e342019.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 fev. 2020.

BASTOS, Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro *et al.* (Org.). *III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ICICT, 2018.

BRASILIANO, Silvia. *Comorbidade entre dependência de substâncias psicoativas e transtornos alimentares: perfil e evolução de mulheres em*



um tratamento específico para dependência química. 2005. 202f. Tese (Doutorado) – Curso de Medicina, Universidade de São Paulo, 2005.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Uma abordagem sociológica da família. *Revista Brasileira de Estudos da População*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-23, jan./jun. 1989. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/562/pdf_536. Acesso em: 20 fev. 2020.

ELIACHEFF, Caroline; HEINICH, Nathalie. *Mães-filhas: uma relação a três*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FIGLIARELLI, Mauricio. *Uso de drogas: substâncias, sujeitos e eventos*. 2013. 210f. Tese (Doutorado) – Curso de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2013.

FONSECA, Claudia Lee Williams. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 26, p. 11-43, jan.-jun. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332006000100002&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 20 fev. 2020.

JALIL, Emilia; COUTINHO, Carolina; BERTONI, Neilane; BASTOS, Francisco Inácio. Perfil das mulheres usuárias de crack e/ou similares: Resultados do inquérito nacional. In: BASTOS, Francisco Inácio Pinkusfeld Monteiro, BERTONI, Neilane. *Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras?* Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ ICICT, 2014.

LARANJEIRA, Ronaldo Ramos (Org.) *II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD)*. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas (INPAD)/ UNIFESP, 2014.

MARANGONI, Sonia Regina; OLIVEIRA, Magda Lúcia Félix de. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 662-670, jul.-set 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v22n3/v22n3a12>. Acesso em: 20 fev. 2020.



MATOS, Maria Izilda Santos de. Da invisibilidade ao gênero: percursos e possibilidades nas Ciências Sociais contemporâneas. *Margem*, São Paulo, n. 15, p. 237-252, jun. 2002. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/margem/pdf/m15mim.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

OLIVEIRA, Jeane Freitas de. *(In)visibilidade do consumo de drogas como problema de saúde num contexto assistencial: uma abordagem de gênero*. 2008. 207f. Tese (Doutorado) – Curso de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, 2008.

OLIVEIRA, Jeane Freitas de Oliveira; NASCIMENTO, Enilda Rosendo do Nascimento; PAIVA, Mirian Santos. Especificidades de usuários(as) de drogas visando uma assistência baseada na heterogeneidade. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 4, p. 694-698, dez. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452007000400022&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 20 fev. 2020.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PEDROSA, Claudio Henrique. *Cuidado? sim; olhar de gênero? não: os sentidos do cuidado no CAPS em documentos técnicos do Ministério da Saúde*. 2006. 200f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

PISCITELLI, Adriana Gracia. Re-criando a (categoria) mulher. In: ALGRANTI, Leila Melzan. *A prática feminista e o conceito de gênero*. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002.

RAGO, Luzia Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, p. 89-98, out. 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465>. Acesso em: 20 fev. 2020.

RODRIGUES, Luciana Boiteux de Figueiredo. Drogas e cárcere: repressão às drogas, aumento da população penitenciária brasileira e alternativas. In: SHECAIRA, Sérgio Salomão. *Drogas: uma nova perspectiva*. São Paulo: IBCCRIM, 2014.

ROSA, Lucia Cristina dos Santos; FIGUEIREDO NETO, Manoel. Configurações das experiências com álcool e drogas no Piauí: interface da



dependência em crianças e adolescentes com as Políticas Públicas e os Direitos Humanos. In: NUNES, Maria de Lourdes Rocha Lima Nunes, ROSA, Lucia Cristina dos Santos, ANDRADE, Francisco Teixeira. *Configurações institucionais e profissionais das intervenções na área de álcool e outras drogas no Piauí: interface entre políticas públicas e direitos humanos*. Teresina: EDUFPI, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth Lara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SARTI, Cynthia Andersen. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller. *Família: Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: Cortez/IEE-PUC SP, 2003.

_____. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 1994. 222f. Tese (Doutorado) – Curso de Antropologia, Universidade de São Paulo, 1994.

SCHENKER, Miriam. *Valores familiares e uso abusivo de drogas*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 20 fev. 2020.

Between them: Being and living a woman using psychoactive

This article presents the view of women on others and on themselves regarding the use of psychoactive substances from a case study in the city of Teresina - Piauí. The research is part of the result of the Master's dissertation presented to the Postgraduate Program in Public Policy at the Federal University of Piauí. The methodology adopted was qualitative in nature, based on a case study and semi-structured interviews, with seven women users of psychoactive substances as participants. Research has shown that women tend to perceive themselves based on the family value or in reference to the male figure, and are guided by their own culture that ends up reproducing bonds based on complementary relationships and predominantly pervaded by patriarchal ideologies, although vestiges feminist ideology have also been present, although they have not been recognized by them.

KEYWORDS: Gender. Women. Psychoactive substances.

Sara Alves HENRIQUES

*Assistente Social. Mestra em Políticas Públicas pela
Universidade Federal do Piauí (UFPI).*

E-mail: saraalvesh@gmail.com

Lucia Cristina dos Santos ROSA

*Pós Doutora em Saúde Coletiva pela Unicamp.
Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do
Rio de Janeiro. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de
Pernambuco.*

E-mail: luciacrosa@ufpi.edu.br

Recebido em: 12/08/2020

Aprovado em: 27/01/2021